

Jordi Nomen

CRIANÇA FILÓSOFA

Como ensinar as crianças
a pensar por si mesmas



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Nomen, Jordi

Criança filósofa: como ensinar as crianças a pensar por si mesmas / Jordi Nomen;
tradução de Pedro Mariano Alves Galdino. – São Paulo: Paulus, 2026.
(Coleção Apoio Pedagógico)

ISBN 978-85-349-6137-0

Título original: El niño filósofo: Cómo enseñar a los niños a pensar por sí mismos

1. Filosofia — Ensino 2. Crianças — Educação I. Título II. Galdino, Pedro Mariano Alves
III. Série

26-1420

CDD 370.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia - Ensino

Coleção APOIO PEDAGÓGICO

- *Preservando a infância para um mundo melhor: a arte de educar e a importância dos cuidados necessários na vida infantil*, Regina Mara de Oliveira Conrado (eBook)
- *Alfabetizar as crianças na idade certa com Paulo Freire e Emília Ferreiro: práticas*, Onaide Schwartz Correa de Mendonça; Olympio Correa de Mendonça
- *Aquela idade em que tudo se quer saber*, Celso Antunes (eBook)
- *Cultivar o gosto pela leitura em crianças e adolescentes de 0 a 16 anos*, Valérie d'Aubigny
- *Criança filósofa: como ensinar as crianças a pensar por si mesmas*, Jordi Nomen
- *A criança filósofa e a ética: propostas pedagógicas para transmitir valores às crianças*, Jordi Nomen

Jordi Nomen

Tradução: Pedro Mariano Alves Galdino

CRIANÇA FILÓSOFA
Como ensinar as crianças
a pensar por si mesmas



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *El niño filósofo: Cómo enseñar a los niños a pensar por sí mismos*

© Jordi Nomen Recio, 2018

Published in Spain by Arpa y Alfil Editores

Brazilian edition arranged through Ilídio Matos Agência Literária, Lisboa, Portugal & Oh!Books Literary Agency, Barcelona, Spain.

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuígeber

Coordenação editorial

Christiane Angelotti

Revisão

Tiago José Risi Leme

Carlos Antônio S. Maia

Tarsila Doná

Luiz Henrique Ribeiro Lima

Design

Thais Moreno Ferreira

Imagem de capa

Getty Images

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



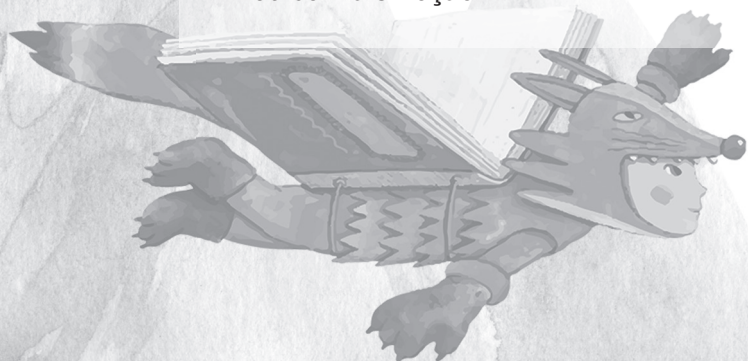
Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Teleendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

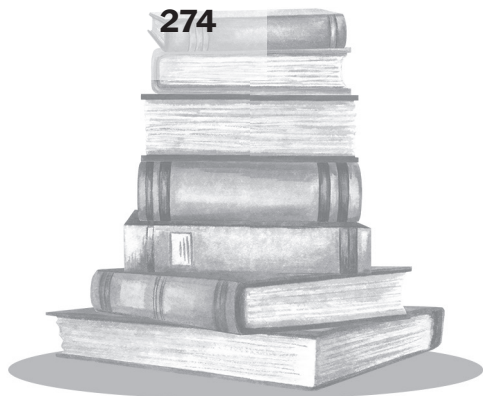
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
ISBN 978-85-349-6137-0

Índice

Introdução: Por que precisamos de uma infância mais filosófica?	10
PRIMEIRA PARTE	25
Às famílias e aos docentes	26
1. Quem foi Matthew Lipman?	30
2. Qual é a utilidade da filosofia para as crianças?	54
3. Quais recursos pedagógicos podem ser utilizados pela criança filósofa para incorporar a filosofia?	66
4. Há uma “inteligência filosófica”?	80
5. O diálogo filosófico é uma arte?	88
6. Há um pensamento cuidadoso?	98
7. Há imagens que avaliam os pensamentos?	108
8. Encerramento provisório	114
SEGUNDA PARTE	121
As doze perguntas	122
1. Platão: Devemos agir com a razão ou com a emoção?	126



2. Aristóteles: Como podemos decidir o que é correto?	136
3. Epicuro: O prazer deve ser a finalidade de nossos atos?	146
4. Sêneca: Devemos temer a morte?	158
5. Espinosa: Como podemos alcançar a alegria?	168
6. Montaigne: É importante ter bons amigos?	178
7. Rousseau: Qual é a finalidade da educação?	190
8. Kant: O que devemos fazer?	200
9. Nietzsche: Precisamos ser criativos para viver?	210
10. Wittgenstein: Precisamos ter uma opinião sobre tudo?	222
11. Arendt: O que é o mal?	234
12. Fromm: É mais importante ter ou ser?	248
Epílogo: Abecedário do silêncio	260
Referências	274



INTRODUÇÃO

Por que precisamos de uma infância mais filosófica?



Este livro que você tem em mãos possui dois nortes. Em sua primeira parte, discuto a minha concepção de filosofia e de que modo ela pode ser aprendida e vivida pelas crianças desde muito cedo. Na segunda, procuro transformar essas ideias em experiência concreta, levando as discussões teóricas a um plano mais lúdico. Penso que as crianças têm um potencial de incorporar a filosofia e, se a cultivarem nos jardins de suas vidas, poderão participar, como cidadãs plenas e a partir de suas próprias perspectivas, da construção de um mundo mais humano, criativo, justo e crítico. Assim, devem aprender a pensar por si mesmas, a fim de que possam construir um mundo em que todos possam e queiram viver.

Nestes tempos sombrios, em que as violências, como lobos à espreita ou na estepe, cercam-nos e nos horrorizam, é essencial que elas aprendam o que é o pluralismo, porque ele é a posição filosófica que está entre um rígido universalismo e um relativismo vazio, livrando-nos dos extremismos. É evidente que existe algo universal na condição humana,

mas, se tentarmos defini-la rigidamente, deixando os limites da racionalidade e da consciência moral, poderemos contribuir para a exclusão de certas minorias e de seus direitos. Porém, se as coisas forem relativizadas, e nós passarmos a afirmar que “tudo depende”, também poderemos legitimar propostas que destroem o outro como parte integrante da identidade.

Dessa maneira, proponho uma pluralidade que seja capaz de articular o respeito à particularidade do outro com a existência de um bem comum universal, definido enquanto o mínimo denominador comum a todos e formado pelo respeito, razoabilidade e cuidado com o diferente, desde que essa diferença não queira dominar os demais de uma maneira desrespeitosa ou autoritária. Esta é a forma que gosto de conceber a humanidade: como particular no universal e universal no particular. Mas, para avançarmos nessa construção, temos que começar pelas crianças.

Muitas vezes, os primeiros passos das crianças são instáveis e desordenados. Ficar de pé, começar a andar, testar a própria autonomia são ações desafiadoras, porque seus músculos ainda são sensíveis e seus ossos, maleáveis. Assim, só a curiosidade de expandir o próprio mundo ou o desejo pela aprovação dos pais, que as incentivam a desafiar o seu equilíbrio incerto, podem explicar as razões que as levam a deixar a firmeza do chão para encará-lo, em busca dessa verticalidade obstinada que nos caracteriza. De passo a passo: abrem os olhos, contemplam o que há no mundo, deixam os

cuidados dos pais, enfrentam seus medos e se libertam, transformando as próprias mãos em instrumentos para mudar o mundo e moldar a realidade. Ora, é assim que aprendemos a andar, de modo que convém aplicarmos essa grande lição a cada novo começo. Entretanto, aprender a filosofar inicia uma longa jornada que não acaba nunca.

Quando falamos da criança filósofa, não nos referimos a nenhum tipo de situação profissional, mas sim à possibilidade de que, ao utilizar certas qualidades indispensáveis ao crescimento, seja estimulada nas crianças uma nova visão e lhes seja aberta uma janela diferente para contemplar o mundo: a janela do olhar filosófico. Penso que é preciso iluminar essa torre chamada conhecimento com tantas janelas quantas forem possíveis, porque a criança chega ao mundo com uma curiosidade que não cessa e com um enorme e fascinante espanto pelo que encontra nele. Isto é, ela já traz consigo essas duas qualidades filosóficas essenciais. Não é à toa que somos uma das espécies que mantêm a juventude por mais tempo na natureza. Vejam: se observarmos outras espécies, logo perceberemos que elas incorporam as bases para a própria sobrevivência de um modo mais rápido que o nosso. Nelas, manda o instinto. Nós, por outro lado, temos que aprender a cultura e nos deparamos, ao nascer, com um mundo já construído, de modo que a nossa juventude deve ser longa e cheia de criações e estímulos novos, porque é assim que incorporamos primeiro a linguagem para depois avançarmos na escrita. Em nossos primeiros anos, elas nos

dão as possibilidades de reinventar o mundo. Nas palavras de Mohsin Hamid (2013):

Todos somos refugiados de nossa própria infância. Entre outras coisas, é por isso que nos voltamos para as histórias. Escrever uma história ou lê-la é, pois, ser um refugiado de nossa própria condição de refugiados. Os escritores e leitores unem-se na busca pela solução do mesmo problema: que o tempo passa, que os que estão mortos morreram e que todos nós, inevitavelmente, também morreremos. Porque houve um tempo em que tudo era possível, e haverá outro em que nada mais o será. Mas é no espaço entre eles que podemos inventar.

Assim é a marcha dos anos, inabalável e sempre adiante, carregando consigo as possibilidades de reinvenção. É por isso que elas precisam aprender o quanto antes a pensar por si mesmas, para que possam saber conhecer, fazer e ser. Estas são as bases da filosofia e da arte ocidentais.

Gianni Rodari costumava dizer que, desde muito pequenos, precisamos construir uma reserva de otimismo e confiança para enfrentarmos a vida. Sim, a ideia é bonita; mas discordo de que precisamos enfrentá-la como se fosse uma inimiga. É claro que ela nos testa, mas não temos como desafiá-la, definindo as regras e o local da luta, pois é com a morte que teremos a inescapável disputa, e são dela o tabuleiro do jogo e as fichas. Por isso, é preciso aprender a pensar por si mesmo o quanto antes. Mas, enquanto aquela disputa não ocorre, a vida nos apresenta situações que precisamos enfrentar, porque

fracassar não é o fator determinante: o que importa é como lidamos com aquele fracasso inevitável, visando transformá-lo numa experiência que, longe de nos debilitar, fortaleça-nos. Para tanto, a filosofia pode ser uma excelente ferramenta, pois o otimismo e a confiança nos permitem compreender que o fracasso é apenas um episódio, um capítulo da história que podemos chegar a escrever. Ele é o silêncio necessário que antecede as oportunidades que virão em seguida, quando aquele desencanto nos tornará mais fortes na disputa, ajudando-nos a sintonizar a *rádio clandestina* que transportamos, a emitir um comunicado solene: “Por mais duros que sejam certos momentos, deixa-me enfrentar a vida, deixa-me declarar-lhe o meu amor, mesmo quando as minhas palavras se calarem e eu só possa observá-la num silêncio luminoso, sempre vitorioso, antes que a escuridão me abrace finalmente”. Ora, não quero formar crianças guerreiras, como se fossem para um combate; quero lhes ensinar os passos de uma dança, para que possam usufruir da vida e descobrir a alegria.

Na atualidade, felizmente, a visão sobre a infância tem se transformado. Ela tem deixado de ser apenas uma etapa de dependência e desproteção para se tornar o momento em que se constrói o futuro, mas ele próprio se constrói no presente. Assim, desmoronou aquele paternalismo rançoso que comparava os primeiros anos de vida à submissão, pois as crianças têm as suas próprias vontades, e é preciso educá-las para que possam realizar a passagem da racionalidade à razoabilidade, da emoção à emotividade, do descobrimento